

# EDITORIAL

**D**ISSEMOS que era mais um canal de comunicação acadêmica: pretendemos que assim tenha sido. Recebemos elogios de quantos receberam a Revista; recebemos críticas que nos impulsionaram a rever este número dois. Dissemos que estávamos abertos ao debate: o debate continua – e que quente! – em torno, agora, não mais apenas da nossa produção, mas da de quantos que, junto a nós, quiseram se expor a esse debate. Aqueles taciturnos, esperançosos; aqueles que estão conosco, indo de mãos dadas.

Quase podemos dizer que os artigos se agrupam em torno de temáticas. A questão da produção do conhecimento volta à tona com Oder e Olinda, fazendo avançar a discussão iniciada no número anterior. Sabemos que a temática é nova e seu estudo precisa ser aprofundado; sabemos que é polêmica: o debate é bem-vindo. O artigo de Olinda tem também sua referência na educação rural, e essa é uma outra temática privilegiada. Dela nos fala Julieta, propondo uma questão ainda pouco debatida – fruto de recente pesquisa que vem desenvolvendo nessa área. E de dentro dela, da educação no meio rural, nos fala alguém: é Vicente, que é sindicalista rural, na Região do Vale do Jequitinhonha. Ambas as temáticas – a questão da produção do conhecimento e a educação rural – perpassam vários outros artigos, relatos de experiências e registros de teses. # A supervisão educacional é tratada, ao nível das propostas alternativas, por Daisy e Aparecida e, ao nível da vivência concreta, cotidiana, enquanto professor, por Rogério. # O ensino superior é abordado por Fagundes, do ponto de vista da autonomia universitária e por Magali, do ponto de vista da reforma curricular. A oportunidade de se discutir o ensino superior, no momento em que a Comissão Nacional de Estudos sobre a Educação Superior Brasileira entrega seu Relatório, é mais que evidente. # Queremos chamar atenção, ainda, para o Manifesto de Diamantina e para o artigo de Ivone. Esperamos que os artistas, os professores-artistas, mantenham aceso o debate em torno da questão Arte/Educação/Arte. Todos nos beneficiaremos com isso.

Questão muito debatida no «encontro de revistas», acontecido em Florianópolis, foi a de como incorporar, nas revistas, o que de novo vem sendo produzido na prática pedagógica cotidiana. Essa discussão veio ao encontro de nossas preocupações e, para começar a tentar este caminho, pretendemos, a partir do próximo número, trazer essa prática sim, e analisada. Para isso queremos, de novo, contar com aqueles que se dispõem a ir conosco. E lembramos, então, de Guimarães Rosa, aprendendo: «Eu quase que de nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!»